

**ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS (ELiS): ESCRITA, REGISTRO E INCLUSÃO**

Dinalmir do Carmo Soares dos SANTOS

dinalmirdossantos@gmail.com

Rita Maria da SILVA

ritha\_marya@hotmail.com

Filadélfia Plens de OLIVEIRA

delplens@hotmail.com

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo divulgar a Escrita das Línguas de sinais (ELiS) como uma opção da para grafia da Libras, além de apresenta-la como um recurso de inclusão do visual no universo da cultura escrita. Exporemos os sistemas de Escrita de língua de sinais (ELS) correntes no Brasil. Por meio da revisão bibliográfica conhecemos a história da ELiS e por meio do presente trabalho esperamos popularizar o conhecimento a respeito da ELS e da ELiS. Questionamos a respeito da hegemonia da Língua Portuguesa na submissão de trabalhos em eventos acadêmicos que limita a produção e divulgação do conhecimento pelo acadêmico visual.

**PALAVRAS-CHAVE:** ELiS. Escrita das línguas de sinais. Sujeito visual.

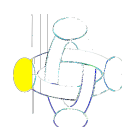
**1. INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como principal função a divulgação da Escrita da Língua Brasileira de Sinais e sua importância na educação do sujeito visual<sup>1</sup>, bem como, fomentar a prática pedagógica para que esses alunos sejam incentivados a assimilar a escrita da própria língua, uma vez que, a sociedade é extremamente grafocêntrica, ou seja, todas as relações sociais de poder são mediadas pela escrita.

Na concepção dos professores Claudio Alves Benassi e Anderson Simão Duarte (2014), a escrita é a principal representação da linguagem verbalizada humana, representação essa semiótica e quanto maior for o “domínio” dela maior é o nível de conhecimento e erudição do sujeito. No área da educação de sujeitos visuais a palavra alfabetizar é entendida de maneira errônea como o ensino de vocábulos de Língua de sinais, e o procedimento de alfabetizar está diretamente ligada ao processo do ensino da escrita e leitura, havendo a necessidade e a urgência de entender que a alfabetização envolve

---

<sup>1</sup> Termo conceitual delineado pelo pesquisador Anderson Simão Duarte (UFMT), para designar a pessoa que emite e capta mensagens linguísticas por meio do canal visual, levando em consideração que não se separa o sujeito da língua que o constitui ideologicamente. Assim sendo, o ouvinte é caracterizado pela língua oral/auditiva e o visual pela língua espaço/visual e não pela ausência da audição (DUARTE; BENASSI; PADILHA, 2016).



muito mais do que simplesmente representar manualmente letras e adquirir vocábulos. Pois, a Língua de sinais não é ágrafas.

Existem vários tipos de Escrita de Língua de Sinais, doravante ELS, mas poucas são difundidas ou até mesmo aceitas na comunidade visual. No Brasil, três tipos de ELS são correntes, sendo elas o *Sign Writing*, a SEL – Sistema de Escrita de Língua de Sinais, e a ELiS – Escrita das Línguas de Sinais, sistema que será apresentado, posteriormente, mais detalhadamente.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

O objeto do presente estudo é a Escrita das Línguas de Sinais – ELiS. Deu-se por meio de pesquisa bibliográfica e está fundamentado nas pesquisas de Marianne Stumpf (2011), Mariângela Estelita de Barros (2008, 2015), Madson Barreto e Raquel Barreto (2012) e Claudio Alves Benassi e Anderson Simão Duarte (2014).

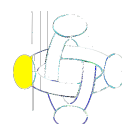
## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando falamos na escrita de sinais, vemos a ELiS como uma possível via de alfabetização de visossinalizantes<sup>2</sup>, uma vez que esta pode se tornar uma forma confortável de registro do conhecimento e de produção de documentos acadêmicos e, ainda, uma forma eficaz de imobilização da linguagem articulada, capacitando assim, o indivíduo visual a expressar-se de forma livre, mostrando-se fluente na língua de sinais e aumentando o *status* social da língua de sinais, quando o visual mostra que sua língua (Língua de Sinais) pode ser escrita por meio de uma escrita própria.

Nesse contexto, temos um histórico acerca da escrita de sinais começando pelo educador guadalupenho Roch-Ambroise Auguste Bébien (1789-1839), que desenvolveu o pensamento supondo que uma ELS fosse essencial para o processo de desenvolvimento acadêmico do visual. Com esse pensamento, ele esboçou um sistema de ELS intitulado *ÉCRIRE LES SIGNES*, no entanto, morreu antes de concluí-lo. Em seguida surge no cenário

---

<sup>2</sup>Segundo Benassi (2015) é um desenvolvimento do conceito sujeito visual. Visossinalizante, segundo Pereira e Benassi (2016, p. 02) é o indivíduo que apreende e compreende o mundo por meio da Língua de Sinais (LS) e nele se expressa sinalizadamente.



o *Sign Writing* que foi desenvolvido pela bailarina estadunidense Valerie Sutton por volta de 1974.

O sistema de ELS decodificado por Sutton foi baseado no sistema de notação dos movimentos da dança, denominado *Dacing Writing*. Essa escrita consiste em uma escrita não-linear, realizada na vertical, da esquerda para a direita, em que as configurações de mão e todos os demais parâmetros das línguas de sinais são “desenhados” fixando assim a linguagem articulada. Tal sistema é assim concebido em virtude da tridimensionalidade da língua de sinais.

Em 2009, foi desenvolvida a Escrita SEL, pela Professora Doutora Adriana C. S. Lessa-de-Oliveira, da UESB. Esse é um sistema de ELS linear, sendo um projeto financiado pelo Conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnológico (CNPq), e foi testado em caráter experimental por um grupo de 5 visuais e 1 ouvinte. Os resultados foram qualificados pelo site<sup>3</sup> que divulga a Escrita SEL, como sendo excelentes.

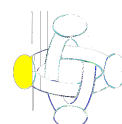
Em 1997, a professora Mariângela Estelita de Barros cria a ELiS que é uma ELS linear alfabética, ou seja, ela é escrita como as línguas ocidentais, da esquerda para a direita, grafando os fonemas da Língua de sinais, individualmente. Sua criação foi baseada nas pesquisas realizadas pelo linguista norte-americano Willian Stokoe.

De acordo com os estudos feitos por Stokoe (*apud* Barros 2008) , foram percebidos e reconhecidos a Configuração de Mão, o Ponto de Articulação e o Movimento como parâmetros básicos para a criação de uma representação escrita. Barros (2015) utiliza alguns símbolos iguais ao do teórico, criando uma sequência sistemática, acrescentando alguns aspectos e reinventando a escrita.

Com o advento de doutorado de Barros, em 2008, foi divulgado, após passar por um profundo aperfeiçoamento, um novo sistema contendo apenas 95 visografemas que constituem um alfabeto próprio, especialmente, criado para representar os parâmetros Configuração de dedo - CD (com um dez visografemas, compreendendo o polegar e os demais dedos), Orientação da

---

<sup>3</sup> <http://sel-libras.blogspot.com.br>



palma - OP (com 06 visografemas, compreendendo a representação da palma para frente, para trás, para a medial, para a distal, para cima e para baixo), Ponto de Contato ou locação - PC (com 35 visografemas, distribuídos em quatro grupos: cabeça, tronco, membros e mãos) e Movimento - Mv (que são os movimentos de braço, movimentos de dedos e punho, movimentos que não utilizam as mãos).

Estes parâmetros estão divididos em quatro grupos, de acordo com a sequência acima. O sistema de escrita ELiS segue uma sequência indicando a Configuração de Dedos, mostrando primeiro a posição do polegar e na posterior a posição dos demais dedos, a Orientação de Palma, Ponto de contato ou Locação e Movimentos. Essa ordem de escrita deve ser respeitada e é padrão.

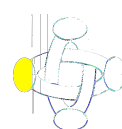
Outra característica da escrita é que uma palavra (sinal) é separada com um espaço branco para indicar seu início e seu fim. Inicialmente, a escrita nasceu “AlfaSig” onde “Alfa” vem de alfabético e “Sig” vem do latim “signalis”. Em seguida a escrita passou a ser chamado de “QuiroSig” por representar os “quiremas”<sup>4</sup> dos sinais, de acordo com a nomenclatura criada por Stokoe (*apud* Barros 2008). Novamente, a nomenclatura foi mudada para ScripSig, até que em 2007 o sistema foi rebatizado para ELiS, uma sigla para Escrita das Línguas de Sinais.

O sistema de pontuação é o mesmo utilizado nas escritas alfabéticas com algumas adequações, onde o ponto e dois pontos em ELiS são vazados para diferenciarem-se de um visografema da CD, ou seja, eles são pequenos círculos; o sistema de numeração é o indo-arábico; são utilizados diacríticos para indicar movimentos alternados, movimentos iguais e repetitivos, notar espacialização esquerda e direita, e mostrar que o sinal é articulado na parte de trás do corpo. Além desses, muitos outros visografemas podem ser utilizados como diacríticos.

Define-se diacrítico como sendo um signo gráfico que é escrito junto a um grafema qualquer de um determinado alfabeto, com a finalidade de

---

<sup>4</sup> Termo em desuso que designa a mínima parte das Línguas de Sinais.



transcrever um fonema diferente daquele que transcreve especificamente a esse fonema.

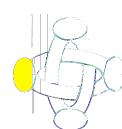
Como foi mencionado anteriormente, os símbolos representativos dos visemas (referenciando os grafemas da Língua Portuguesa) são chamados e conhecidos tecnicamente como visografemas, pois a partícula da palavra *ema* representa as unidades mínimas, a partícula *graf* representa a escrita, grafia, e a partícula *vis* refere-se a visemas.

Juntando todos os elementos, obteremos uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das Línguas de Sinais, o que no Português corresponderia as letras do alfabeto. Vale ressaltar que o conjunto de visografemas recebe o nome de visograma, esse representa o visograma (alfabeto) das línguas de sinais, pois se baseia na fonética para se constituir, tal qual os demais alfabetos das línguas orais, entre elas a da Língua Portuguesa. Atualmente, a ELiS está sendo difundidas em todo o Brasil, dentre elas encontramos várias universidades federais brasileiras que adotaram a ELiS como sua ELS oficial, estão a UFG – Universidade Federal de Goiás, a UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso e a UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vantagens do ensino da ELiS é ser de fácil apreensão, não necessitando de adaptações, tampouco, de dispositivos de conexão à internet para a escrita, pois conta com fonte desenvolvida para o software Word, possibilitando a acessibilidade e dinâmica da escrita. Além dessas, ainda há outros aspectos que favorecem a utilização da ELiS como uma escrita viável na produção da acadêmica do sujeito visual. Seu sistema possibilita a adequação da escrita de acordo com as regras da ABNT, possibilitando recuos, economizando espaço, facilidades de escrita manual dos visografemas e manipulação do teclado do computador.

Importante ressaltar ainda, que a escrita poderá colocar o indivíduo visossinalizante como um sujeito crítico e mais atuante na sociedade, pois ele terá a liberdade de se comunicar dentro de sua própria língua, visto que dentro do contexto histórico a pessoa surda nunca usufruiu de seus direitos.



Para concluir, ressaltamos que a presente reflexão se torna pertinente, pois as instituições públicas de ensino acolhem o sujeito visual em nome de uma “inclusão”, no entanto, muitas demandas da vida acadêmica desse tipo de indivíduo são cerceados, como por exemplo, a alfabetização em ELS, causando dependência desse sujeito aos processos de registros e escritas de Português realizadas pelo ouvinte.

Nos eventos acadêmicos, por exemplo, todos os resumos precisaram ser elaborados em Português, em virtude do sistema não ter/apresentar opção de submissão de trabalhos em ELS ou em vídeo o que facilitaria a produção de trabalhos acadêmicos do visossinalizante. O espaço acadêmico tem colaborado para essas reflexões que chamam a atenção para uma ruptura com a falsa inclusão apregoada e praticada por determinados segmentos de algumas instituições e uma inclusão que leve em considerações as potencialidades específicas de cada sujeito, ou seja, oportunizar ao indivíduo sua produção de forma mais confortável possível.

## REFERÊNCIAS

1. BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: edição do autor, 2012.
2. BARROS, Mariângela Estelita. *ELiS – Escrita das Línguas de Sinais*: proposta teórica e verificação prática. Tese. Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
3. BARROS, Mariângela Estelita. *ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2015.
4. BENASSI, Claudio Alves; DUARTE, Anderson Simão. Além dos sentidos I: ensaio a respeito da escrita de sinais. **Revista Diálogos (RevDia)**. v. 2, n. 1, 2014. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2766>. Consulta em 03 de jan. 2015.
5. DUARTE, Anderson Simão; BENASSI, Claudio Alves; PADILHA, Simone de Jesus. Sujeitos ouvinte e visual: da oralidade a visualidade. In.: **Revista Diálogos (RevDia)**. v. 3, n. 2. jul./dez. 2016. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3371/2368>. Consulta em 03 de jan. 2015.
6. PEREIRA, Vitalina Martins; BENASSI, Claudio Alves. **Língua brasileira de sinais (Libras) no Mato Grosso**: da regulamentação federal a implantação de ações em apoio a difusão da Libras. Monografia. Especialização em Educação especial com Ênfase em Libras. Cáceres: Faculdade do Pantanal, 2016.
7. STUMPF, Marianne. **Escrita de Língua brasileira de sinais**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

